

A CRÍTICA LITERÁRIA E A LITERATURA CRÍTICA DE MARIA ESTHER MACIEL

Jacques Fux
Pós-Doutorando – UNICAMP

Luciana Andrade Gomes
Mestre – UFMG

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo analisar os aspectos teóricos presentes nos livros de ficção de Maria Esther Maciel. Em *A ironia da ordem* e *A memória das coisas* a autora discute as possibilidades literárias que serão trabalhadas em seus livros de ficção *O livro dos nomes* e *O livro de Zenóbia*. Pretendemos, portanto, discutir acerca dessa gênese literária e dessa via de mão dupla que é a teoria e a crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Esther Maciel Borges; Literatura crítica; Crítica literária.

ABSTRACT: This essay aims to analyze the theoretical aspects present in the fiction of Mary Esther Maciel. In *A ironia da ordem* and *A memória das coisas*, the author discusses the literary possibilities that will be worked with in her books of fiction *O livro dos nomes* e *O livro de Zenóbia*. We intend, therefore, to discuss this literary genesis and this two-way street that is the theory and criticism.

KEY-WORDS: Maria Esther Maciel Borges; Literature critic; Critic literary.

Introdução

Maria Esther Maciel, professora de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais e escritora, escreveu os seguintes livros: **Dos Haveres do Corpo** (poesia, 1985), **As vertigens da lucidez: poesia e crítica em Octavio Paz** (ensaio, 1995); **Borges em dez textos** (organização, 1998); **A dupla chama: amor e erotismo em Octavio Paz** (ensaio, 1998); **Triz** (poesia, 1999); **Vô Transverso: poesia, modernidade e fim do século XX** (coletânea de ensaios, 1999); **A palavra inquieta: homenagem a Octavio Paz** (organizadora, 1999); **Laís Corrêa de Araújo** (ensaio, 2002); **O livro de Zenóbia** (ficção, 2004); **A memória das coisas** (ensaios, 2004), **O livro dos nomes** (ficção, 2008), **As ironias da ordem** (ensaios, 2010), **Pensar/escrever o animal** (organização, 2010).

Além disso, nos últimos anos, vem se destacando também pela presença constante em júris e coordenações de grandes prêmios literários. Nos anos de 2010 e 2011 foi uma das curadoras do Prêmio Portugal Telecom e membro do júri final do Prêmio Literário do Estado de Minas Gerais e do Prêmio Literatura para todos. Como escritora, recebeu diversos prêmios: uma menção honrosa do *Prêmio Casa de las Américas* de 2009 e foi finalista do *Prêmio São Paulo, Portugal Telecom, Jabuti, Zaffari & Bourbon* em 2009 pelo seu **O livro dos nomes**. Em 2005, ainda foi finalista do *Prêmio Jabuti* em Teoria/Crítica Literária com seu livro **A memória das coisas** e do *Portugal Telecom* com **O livro de Zenóbia**. Escritora reconhecida e crítica renomada, Maria Esther Maciel vincula suas pioneiras pesquisas em sua ficção, descobrindo-se uma *precursora de Kafka* para novas possibilidades e teorias literárias. Neste ensaio, pretendemos mostrar esse jogo literário e crítico exercido pela escritora e pesquisadora.

A escrita ficcional de Maciel é uma escrita poética que busca ferramentas para trabalhar com as limitações da linguagem. Inicialmente, sua pesquisa e sua escrita giram em torno dos cânones, dos grandes escritores e obras literárias, o que pode muito bem ser encontrado no início de seu **O livro de Zenóbia**. Partindo desse molde, Maciel incursiona e insere as vozes da literatura universal em seus personagens, construindo assim um hipertexto canônico. Em seguida, persegue a dificuldade e a inviabilidade de construir uma base e começa a enxergar uma literatura rizomática na qual se torna impossível classificar e ordenar.

Os limites da linguagem se expandem com o uso contínuo de paradoxos para tentar buscar o que não se pode dizer; é o que encontramos em **O livro de Zenóbia** e em **O livro dos Nomes**, ao tentar classificar e ordenar diversas listas. Porém, apesar de não ter publicado ainda outro livro de

ficção, com suas novas pesquisas no campo da *Zooliteratura*, que nada mais é que a busca da linguagem e possibilidade poética, podemos sugerir uma nova ficção do *l'animal que donc je suis* (o animal que logo sou), como veremos a seguir. Dessa forma, de um novo campo teórico literário, Maciel almeja aproximar-se ainda do que *falta* e do que *resta* na prosa poética.

Teoria e ficção: um diálogo profuso

Maciel compõe uma obra aberta que dialoga com muitos autores, teorias e livros, tornando-se uma mistura hipertextual de citações, referências e nomes. Nesse sentido, sua erudição borgiana percorre diversos saberes. Porém, com o intuito de talvez revelar-se, ou de quem sabe ludibriar ainda mais o leitor, ela revela algumas de suas referências, como na célebre passagem de Perec: “Uma vez mais, as armadilhas da escrita se instalaram. Uma vez mais, fui como uma criança que brinca de esconde-esconde e não sabe o que mais teme ou deseja: permanecer escondida, ser descoberta” (PEREC, 1995a, p.14). Em **Livros de cabeceira**, uma das listas de Zenóbia, Maciel, assim como Perec em **A vida modo de usar**, apresenta sua gênese literária:

Ave, palavra. Pequeno oratório de Santa Clara. Rubaiyat. A paixão segundo G.H. Arte de amar. Temor e tremor. Estudos sobre o amor. Moradas do castelo interior. Os cantos de Maldoror. As mil e uma noites. Dom Quixote. Os hinos à noite. I-Ching. Claro enigma. Antígona. Laços de família. Zadig. Crime e castigo. Água-viva. Contos do vampiro. Triz. As elegias do Duíno. Eu. Invenção de Orfeu. O apocalipse de São João. Poemas de amor e discricção. Cem anos de solidão. Grande sertão: veredas. Lendas brasileiras. Vidas secas. O banquete. O livro de areia. O vermelho e o negro. Fedro. Educação pela pedra. Do céu e do inferno. Eclesiastes. A história das minhas calamidades. A metamorfose. Mensagem. Libertinagem. Legenda dos animais. Da tranquilidade da alma. Apicius culinarius. O livro dos seres imaginários. Os demônios. Da natureza das coisas. A arte da sabedoria. Iracema. Humano, demasiadamente humano. Ramayana. Cântico dos cânticos. O guardador de rebanhos. Vaga música. Dom Casmurro. Contos da chuva e da lua. O livro da honesta volúpia. Elogia da loucura (MACIEL, 2006, p.147).

Este livro contém citações, às vezes ligeiramente modificadas, de René Belleto, Hans Bellmer, Jorge Luis Borges, Michel Butor, Italo Calvino, Agatha Christie, Gustave Flaubert, Sigmund Freud, Alfred Jarry, James Joyce, Franz Kafka, Michel Leiris, Malcolm Lowry, Thomans Mann, Gabriel García Márquez, Harry Mathews, Herman Melville, Vladímir Nabókov, Georges Perec, Roger Price, Marcel Proust, Raymond Queneau, François Rabelais, Jacques Roubaud, Raymond Roussel, Stendhal, Laurence Sterne, Théodore Sturgeon, Júlio Verne, Única Zürn (PEREC, 1989, p.569).

É interessante notar que Maciel não cita, neste livro, nenhuma obra de Perec, uma referência, talvez, ao **Kafka e seus precursores**, de Jorge Luis Borges. Teria Maciel descoberto, escondido (ou inventado) Perec (ou Pierre Menard, personagem borgiano) em virtude de suas

semelhanças ou diferenças? Pensando nessas questões, Rodrigo Guimarães escreve sobre Maria Esther Maciel e seu diálogo com outros escritores:

As quase três décadas de intensa frequência nos campos da poesia e de um longo trajeto reflexivo e crítico como professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais, possibilitou a autora de **O livro do nomes** construir uma escrita consistente e concentrada que por certo recebeu os influxos de seu amplo e sólido percurso de leituras. Seus textos ensaísticos, por exemplo, perfazem autores extremamente diversificados tais como Augusto dos Anjos, Octavio Paz, Sor Juana Inés dela Cruz, Stéphane Mallarmé, Fernando Pessoa, Haroldo de Campos, Carlos Drummond de Andrade, Maria Gabriela Lhansol e tantos outros. Filósofos, cineastas, tradutores e “loucos” (como Arthur Bispo do Rosário), também compõem o “repertório de interesses” da autora. Poderia incluir também o fascínio de Esther Maciel pelos “autores paradoxais”, tais como Clarice Lispector, Kierkegaard, Baudelaire, Cioran e Jorge Luis Borges (GUIMARÃES, 2008, p.2).

Alguns dos muitos nomes utilizados na ficção de Maciel referenciam outras literaturas dando assim uma possibilidade e uma bifurcação de caminhos, inter-relações, hipertextos e leituras. Segundo Guimarães:

A exemplo de Lídia que, quando criança, gostava de observar o movimento dos peixes, subitamente ela percebe que “as coisas, por mais repetíveis, contêm cada uma um rio – subterrâneo ou de superfície [...] é isso que garante a elas uma dose de imprevisto”(MACIEL, 2008, p. 76). Assim, os nomes, segundo Maciel citando Curtius e Léo Spitzer, “não são mais que formulários em branco a serem preenchidos por sensações e sentimentos”. Daí a possibilidade, ficcionalizada por Esther Maciel, de uma pessoa ter vários nomes “simultâneos ou sucessivos, de acordo com suas horas e fases da vida” e de pôr-se à deriva num “presente de múltiplas durações”. Essa multidimensionalidade do humano capaz de ampliar os modos de uso da vida e o descarrilamento das manifestações da existência são evidenciadas nas falas de vários personagens. Para Antônio, por exemplo, “é no desvio que as coisas acontecem [...] e viver é especializar-se no erro.” Eugênia, por sua vez, em seu diário intitulado “Manual de perplexidades” anota menos os acontecimentos do dia-a-dia do que “as coisas que imaginava”. Já as “Catarinas, às vezes, têm uma nudez perplexa, ou não”. Essas pseudodefinições acompanhadas por um índice de subtração das certezas, o “ou não”, acrescidas de paradoxos tais como quando te vi amei-te já muito antes (Jerônimo “plagiando” Pessoa), conferem a essa escritura uma dicção que desapropria os lugares comuns, ou o comum do lugar e do nome ao propor novos folheados de significância (GUIMARÃES, 2008, p.3).

Classificações

Maciel segue os caminhos teóricos traçados em seus livros de ficção. A partir da impossibilidade e do absurdo de se ordenar e classificar definitivamente o mundo, ela mesma se empenha na tarefa inglória e bastarda de compor e organizar listas. Assim argumenta Guimarães:

Como salientou Esther Maciel, a “coleção” de personagens e rostos enredam perfis e espessuras em uma espécie de genealogia transversa de tramas domésticas, fragmentos de memória, de coisas e de pessoas que se imbricam em uma complexidade crescente que se dão a ver, sobretudo quando o leitor se depara com constantes dissonâncias entre a etimologia do nome, os verbetes explicativos sobre o seu significado e as experiências da vida “real” de uma pessoa que aloja esse nome. O eixo onomástico (de A a Z) é organizado à maneira de catálogos e manuais de auto-ajuda. Mas não se trata de um dicionário de nomes e de etimologias encadeadas por estereótipos ou qualquer “princípio legitimador de organização”, ao contrário. Tanto na obra ficcional quanto em sua ensaística, verifica-se a presença constante de um objeto díspare que assalta o princípio de ordenação ou fantasmagoriza-o. Muitos dos textos que compõem seu livro de ensaios *A memória das coisas* (2004) lidam diretamente com o princípio de ordenação e seus sistemas de classificação do mundo utilizados por diferentes escritores, cineastas e artistas, tais como Jorge Luis Borges, Peter Greenaway, Georges Perec, Carlos Drummond de Andrade e Arthur Bispo do Rosário. A “ordem” e os procedimentos taxonômicos presentes nos textos analisados por Maria Esther em *A memória das coisas* funcionam mais como eficientes dispositivos que denunciam a falência de suas modalidades classificatórias e de ordenação do mundo. Dito de outra maneira, o mundo é caotizado pelo exacerbamento de suas próprias regras de organização, de classificação exaustiva ou pelo afã das apreensões totalizadoras. Para tanto, Esther Maciel recorre a textos de autores que focalizam as diferentes maneiras de uso de catálogos, cartas, diários, listas, índices, glossários, aforismos, verbetes, mapas e levantamentos estatísticos. A autora também pontua o mesmo gesto irônico de Borges em um de seus contos mais conhecidos “A Biblioteca de Babel”, ao evidenciar a insensatez e a insuficiência das tentativas de arquivamento e “categorização exaustiva do conhecimento e das coisas do mundo, visto que todo recenseamento tende, em seus limites, a revelar o caráter do que é naturalmente incontrolável e ilimitado” (MACIEL, 2004b, p. 14). Esses elementos de “desvio” que denunciam o objetivo ilusório de completude e de previsibilidade, bem como a insuficiência da repartição da realidade em classes, nomes e subjetividades são abundantes em **O livro dos nomes** (GUIMARÃES, 2008, p.5).

O livro de Zenóbia apresenta diversas dessas listas. Em *Ervas daninhas, Peixes perplexos, Cidades raras, Temperos e ervas de cheiro, Aves em perigo, Orquídeas e bromélias, Palavras preferidas* e em *Livros de cabeceira*, Maciel, na voz de Zenóbia, brinca com diversas classificações e suas devidas ironias. Apesar de compor listas extensas, existe um limite, um espaço, que é o espaço da própria página, talvez uma referência ao espaço discutido e tratado por Perec em *Espèces d'espaces*, já que também discute e questiona os estratos que sustentam a oposição binária entre discursos ficcionais e referenciais, e entre narração e descrição. Ao empreender o que parece ser a simples descrição e nomeação dos espaços e listas, Perec e Maciel questionam as noções mais básicas e óbvias relativas ao assunto. O objeto da descrição, por vezes, é o próprio espaço do texto, o que força o leitor a uma revisão da própria noção de descrição, uma vez que, nesses momentos, não há objeto referencial ou extraliterário a ser descrito: o que se descreve é o espaço mesmo onde a descrição está acontecendo. Ao preencher o espaço *Página* com listas, muitas vezes de modo lúdico, torna-se possível ler a ironia e a sátira dos jogos de classificação.

O livro dos nomes, construído meticulosamente, já que todos seus personagens se relacionam, estão vinculados e ligados de alguma forma. Além de utilizar a ordem alfabética para

apresentar os nomes, também questiona o estatuto das classificações e da ordem. Novamente, talvez referenciando o projeto de Bartlebooth, personagem de Perec, homem de tamanha riqueza e de indiferença face ao mundo, que se propõe um projeto de perfeição circular, de muito viajar, muito registrar e destruir todos os traços dessa grande, inútil irrealizada jornada. *O livro dos nomes* pode ser lido como um projeto labiríntico, com várias possíveis entradas e saídas, mas que são circulares e que seguem o fio tênue de Ariadne alcançando o Minotauro.

Pelo viés da crítica

Nos livros *A memória das coisas* e *As ironias da ordem*, Maciel explora justamente o ofício de criar listas e inventariar o mundo a partir das obras de outros autores. Ela reabre a noção de enciclopédia para investigar novas possibilidades no campo literário, principalmente por meio do contato entre a literatura e outras manifestações artísticas. Seu trabalho na crítica é marcado pela noção de inclassificável, apontando para aquilo que não pode ser ordenado ou especificado de forma definitiva. Segundo a autora, “podemos argumentar que, se existe o inclassificável, é porque os sistemas de classificação disponíveis e legitimados são insuficientes e não dão conta de acomodar a complexa diversidade e multiplicidade do mundo” (MACIEL, 2007, p. 156).

Na definição do dicionário, a palavra “inclassificável” significa o que não pode ser inserido dentro de uma classe ou categoria, que está em desordem, em confusão; digno de censura, de reprovação. No entanto, Maciel afirma que a palavra pode estar associada à ideia de ubiquidade, pois também chamamos de inclassificável “àquilo que é passível de ser inserido – mesmo que provisoriamente – em vários lugares ao mesmo tempo, dada a diversidade muitas vezes contraditória de seus traços” (MACIEL, 2007, p. 156). É o caso do ornitorrinco, descoberto em 1979, na Austrália, que possuía características comuns a vários animais, sendo todas as categorias insuficientes para acomodá-lo.

Maciel recorre a Barthes (1981), que se vale da palavra grega *atopos* para designar esse tipo de situação, apontando não só para o fato de não se confinar em um só lugar, mas também pela resistência à descrição e definição, caracterizando o que é estranho, extraordinário, insólito e original. Dessa forma, o ornitorrinco seria essencialmente um animal atópico, compreendendo todos os sentidos da palavra *atopos*: inclassificável, estranho, inconveniente (MACIEL, 2007, p. 157). Isso porque, segundo a autora, na ausência de critérios existentes, o homem sempre busca novas formas de classificação para que o elemento em questão possa ser definido e especificado. Porém, o

que Maciel ressalta é que, muitas vezes, o cientificismo não é suficiente, sendo necessário percorrer outros caminhos e cruzar a fronteira entre ciência e ficção. Assim, para a autora, “onde falha a classificação advém a imaginação” (MACIEL, 2007, p. 158).

Para trabalhar esses questionamentos, Maciel lança seu olhar sobre as obras do escritor Jorge Luis Borges e do cineasta Peter Greenaway. Com o uso das taxonomias e das representações do saber, esses artistas criam obras híbridas e repletas de ramificações, ironizando a possibilidade de racionalização e sistematização definitiva do mundo. Eles não possuem a intenção de ordenar o caos do mundo; pelo contrário, eles inserem vários elementos vindos de realidades e temporalidades distintas no mesmo espaço, mostrando “que os modelos legitimados de representação e classificação do mundo são tão subjetivos, arbitrários e conjecturais quanto os que a ficção é capaz de inventar” (MACIEL, 2004, p. 35).

Para trabalhar essas questões, Maciel recorre à apócrifa *Enciclopédia chinesa*, descrita no ensaio *O idioma analítico de John Wilkins* de Jorge Luis Borges, em que classifica os animais do mundo em doze categorias descomunais, ordenadas de acordo com o sistema do abecedário. Seu objetivo é parodiar o caráter monstruoso das enciclopédias chinesas, pois, como afirma Michel Foucault, “para nosso imaginário, a cultura chinesa é a mais meticulosa, a mais hierarquizada” (FOUCAULT, 2007, p. 14):

Os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, l) etcétera, m) que acabam de quebrar o vaso, n) que de longe parecem moscas” (BORGES, 2005, p.94).

Da mesma forma Peter Greenaway, à semelhança de Borges, retoma esse caráter enciclopédico para explicitar a fragilidade dos sistemas voltados para a totalidade do conhecimento a partir da subversão e criação de listas, inventários, coleções, equações, operações cartográficas, etc. Por meio de uma ordenação seriada, o cineasta produz filmes híbridos e fragmentados, repletos de elementos descomunais, criando seus próprios modelos de classificação:

Os sistemas de nomeação e de identificação de cores, escalas, distâncias, tipos, tamanhos são todos subjetivos. (...) Eu também gosto de criar meus próprios sistemas em forma de listas – e creio que as categorias da enciclopédia chinesa borgiana são salutares. Mas meu objetivo principal é usar os códigos numéricos, equações e contagens como alternativas para o modelo narrativo dominante. Faço filmes-catálogos (GREENAWAY citado por MACIEL, 2004, p. 29).

A palavra enciclopédia é um termo latinizado a partir do grego *eu-kuklios paideia* e significa, etimologicamente, o círculo (kuklios) perfeito - fechado (eu) do conhecimento ou da educação (paideia). Pensando na sua capacidade de revelar aproximações, a enciclopédia sempre foi, espacialmente, o local das relações e das articulações entre os saberes. No entanto, essa enciclopédia aberta, que Borges e Greenaway propõem, abandona a estruturação disciplinar e passa a reconhecer que, hoje, a integração do conhecimento não aceita uma ordem estável e sim uma multiplicidade potencial de entradas.

Dessa forma, na visão de Maciel, as obras de Borges e Greenaway são marcadas pela multiplicidade, uma das principais características da arte que Italo Calvino destacou na contemporaneidade, afirmando que a produção artística seria definida por um conjunto de redes ou conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo (CALVINO, 1990, p. 128). A enciclopédia, então, passa a ser concebida como uma multiplicidade aberta e conjectural, incorporando novas facetas, tornando-se descentrada e acentuando o potencial combinatório de suas entradas, sendo o local “apropriado para incluir um animal inclassificável como o ornitorrinco” (MACIEL, 2007, p. 159).

Portanto, para a autora, a obra enciclopédica, hoje, não tem mais a pretensão de exaurir o conhecimento do mundo, encerrando-se num círculo, mas visa incorporar a noção de inclassificável, ampliando as vias de leitura por meio de múltiplas conexões. Ela estabelece uma relação de interatividade com o leitor/espectador, disseminando o saber de forma subjetiva e hipertextual, abarcando os elementos híbridos e atópicos da contemporaneidade. Assim Maciel descreve esse sistema enciclopédico:

(...) o mais adequado para uma era inclassificável como a do presente, no qual as fronteiras entre culturas, línguas, gêneros, artes e campos disciplinares se entrecruzam, abrindo-se cada vez mais ao híbrido, ao heterogêneo. Uma era em que a rapidez e a multiplicidade de informações desautorizam e desestabilizam explicitamente a própria ideia de classificação, demandando uma reconfiguração do conhecimento a partir de uma perspectiva mais aberta, dialógica e, até mesmo, paradoxal. Como se tudo, hoje, estivesse sob o signo inquietante do ornitorrinco, do inclassificável (MACIEL, 2007, p. 159).

Projetos ficcionais futuros? A *zooliteratura* e a busca da poesia

Essa será a base de todo seu trabalho crítico e poético, voltando-se para a investigação da metamorfose da linguagem, explorando os limites da palavra e exercendo um papel fundamental na literatura contemporânea.

Assim, ao se dedicar ao seu projeto teórico-literário, que resultou na publicação dos livros **O animal escrito** e **Pensar/escrever o animal**, Maciel retoma e reinventa a busca pela linguagem e possibilidade poética. Ao se referir à Zenóbia, Donald Schüler escreve: “frequenta palavras invulgares, tiradas de receituários, tratados, mapas, almanaques, álbuns, alfarrábios. Veste-se de imagens, de sonoridades insuspeitas. De tanto viajar por dicionários e livros, busca um país sem palavras, sem ritmos, sem sons” (SCHULER *apud* MACIEL, 2006, p.152). Assim como na poesia de Drummond *A procura da poesia*, Maciel se preocupa “não para as leis que fundam a representação – com o convencional destaque para construções verossímeis -, mas para as leis da poesia que, afinal, se condensam nas fulgorizações dos nomes e das coisas” (BRANCO *apud* MACIEL, 2006, p. 153). Dessa forma, no intento de não fazer versos sobre acontecimentos, já que não há criação nem morte perante a poesia e penetrando surdamente no reino das palavras em que estão os poemas que esperam ser escritos, Maciel, por meio dessa nova possibilidade poética e de linguagem, procura sua poesia.

Nesse sentido, escreve Maciel sobre uma possível busca poética na zooliteratura:

No que se refere especialmente à esfera poética como espaço privilegiado para a apreensão da chamada animalidade, vale lembrar as considerações de Georges Bataille sobre a questão, no livro *Teoria da religião*. Nele, o autor sugere que, se a poesia nos leva ao não sabido, ela pode nos levar também, pela via da mentira (ou falácia) poética, ao mundo incógnito da animalidade. Mas a mentira, nesse caso, concebida não como uma mera afirmação contrária ao que se chama de verdade para induzir ao erro, mas como uma espécie de conhecimento, um saber alternativo (e plausível) sobre o que escapa à representação, à apropriação figurativa. Isso porque, se a poesia propicia uma inscrição possível da animalidade no corpo da escrita, ela também viabiliza um encontro, ainda que fictício, entre o humano e sua outridade animal (MACIEL, 2011, p.87).

Maciel também segue a linha de Derrida quando este formula a seguinte proposição: “pois o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar. É a diferença entre um saber filosófico e um pensamento poético” (DERRIDA, 2002, p.22).

Em sua obra de prosa poética, a autora busca o sentido derridiano “como a linguagem afeta o nosso acesso à complexidade do mundo não humano” (MACIEL, 2011, p.89). A fronteira literária é a fronteira entre o humano e o não humano, esse limiar produz a literatura que é “o outro mais outro que qualquer outro”. Assim, Maciel vivencia a poesia como bem colocou John Coetzee: “os poetas nos ensinam mais do que sabem, graças ao processo chamado de invenção poética, que mistura sensação e alento de uma forma que ninguém jamais explicou, nem explicará” (COETZEE, 2002, p.63).

Maciel conclui que “pensar, imaginar e escrever o animal só pode ser compreendido como uma experiência que se aloja nos limites da linguagem” (MACIEL, 2011, p.94). Assim como os homens precisam aceitar-se como animais para tornarem-se humanos, a literatura de Maciel aceita suas limitações e suas impossibilidades para assim aumentar sua possibilidade de prosa poética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Francisco Alves, 1981.
- BORGES, Jorge Luis. *O idioma analítico de John Wilkins*. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas II: 1952-1972**. São Paulo: Globo, 2005, p. 92-95.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COETZEE, John. **A vida dos animais**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- MACIEL, Maria Esther. **Pensar/escrever o animal**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- MACIEL, Maria Esther. *Poéticas do inclassificável*. In: **Aletria**, Belo Horizonte, v.15, 2007, p. 155 – 162.
- MACIEL, Maria Esther. **O livro de Zenóbia**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.
- MACIEL, Maria Esther. **O livro dos nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PEREC, Georges. **A vida modo de usar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- PEREC, Georges. **W ou a memória da infância**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Artigo em periódico

GUIMARÃES, Rodrigo. Tapeçarias literárias em *O Livro dos nomes*, de Maria Esther Maciel.
Disponível: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/RODRIGO%20GUIMARAES.pdf>

GUIMARÃES, Rodrigo. Encontro textual com Maria Esther Maciel: a poesia “por um Triz”.
Disponível: <http://www.cch.unimontes.br/literatura/images/documentos/agulhaestherpubli.pdf>